

Filiada à:



REVISTA

Visão Social

Ano 4 - nº17 - Março/Abril 2009

www.visaosocial.net

Responsabilidade Social & Meio Ambiente

CONSTRUINDO CIDADES SUSTENTÁVEIS

A II Feira de Responsabilidade Social Empresarial Bacia de Campos, que acontecerá nos dias 19, 20 e 21 de maio, no Macaé Centro, colocará na pauta um grande desafio: como promover o desenvolvimento sustentável em meio à crise econômica global?

Pág.14

Confira também:

A agonia de Imboassica

A lagoa vem sofrendo há décadas um acelerado processo de degradação. E ainda é responsabilizada pelas enchentes.

Pág.22

A sustentabilidade e a crise

A desaceleração da economia global deve criar dificuldades, mas o processo de Responsabilidade Social Empresarial é irreversível, afirmam os especialistas.

Pág.10



16-19 JUNHO

das 14 às 21 horas

Centro de Exposições - Macaé, RJ

BRASIL OFFSHORE

FEIRA E CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO SETOR DE OFFSHORE DE PETRÓLEO E GÁS

A melhor plataforma para decolagem de negócios

A 7ª edição da feira offshore do mundo será em 16-19/06/2009 com mais de 500 expositores, representando 2.000 marcas de 38 países.

A Rodada de Negócios organizada pela DNP e pela SEBRAE-RJ deve superar a marca de R\$ 102,5 milhões em volume de negócios registrados em 2007.

Conferência: «Brasil Offshore: The Next Frontier»

Organizada por



Patrocinada por



SEBRAE
RJ

Prepare-se para visitar a Brasil Offshore 2009!

Credenciamento Antecipado
www.braziloffshore.com

Inscrições para Conferência
www.ibp.org.br

Pacotes de Viagem
www.matrizonline.net/sites/bo/2009

Organização e Promoção

Fornecedores

Patrocinadores

Locais

Patrocinadores Oficiais

Agência de Turismo Oficial





Capa

14 II Feira de RSE Bacia de Campos - O Desafio Continua

Entrevista

04 **Marco Pólo de Mello Lopes**
Vice Presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS)

Meio Ambiente

18 Um Decálogo dos Dilemas Ambientais

22 A agonia de uma Lagoa

24 Um pacto para recuperar a Mata Atlântica

Cidadania

13 Reconhecendo Talentos

Informe Especial

10 A sustentabilidade em tempos de crise

08 Reflexões sobre o futuro da RSE

Artigo

26 **O chamado das árvores**
Carlos Solano

Seções

06 VS News

12 Destaques

20 Municípios

25 VS.COM

Palavra do Editor

A princípio, a desaceleração da economia não provocou significativas mudanças no posicionamento das empresas-modelo em RSE no Brasil, demonstrando que o processo representa muito mais que uma simples ação de marketing. Especialistas na área, como Jodie Thorpe, da consultoria SustainAbility, garantem que o Brasil está mais avançado do que outros países emergentes, como Índia e China, em ações ligadas ao desenvolvimento sustentável. Porém, apesar dos esforços, os resultados concretos ainda são modestos.

Visando continuar contribuindo para movimento de RSE e Sustentabilidade em nível regional e planetário, a revista Visão Social anuncia a realização da II Feira de Responsabilidade Social Empresarial Bacia de Campos, nos dias 19, 20 e 21 de maio, no Macaé Centro. Nesses tempos difíceis, nada melhor que confirmar a vocação daqueles que pretendem mudar paradigmas por um mundo mais sustentável. Nosso propósito é justamente este e contamos com bons parceiros para que a jornada tenha êxito.

Martinho Santafé

Filiado à Rede Ethos de Jornalistas
msantafe@viacabo.com.br

Expediente

Revista Visão Social

Edição: BM PUBLICIDADE

Administração e Redação:

Rua Marechal Deodoro, 31/102 - Centro - Macaé/RJ

Tel: (22) 2772.2569

E-mail: visaosocial@terra.com.br

Site: www.visaosocial.net

Diretor responsável: Martinho Santafé

Diretora comercial: Bernadete Vasconcellos

Ilustrações: Dayse Anne Jacob

Designer gráfico: Ana Vasconcellos

Colaboradores: Carlos Solano, Renata Alves, Léo Maia e Rômulo Campos

Impressão: BM

Os artigos assinados e publicados são de inteira responsabilidade dos seus autores e não transmitem, necessariamente, a opinião da revista Visão Social.

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ENTREVISTA

Marco Pólo de Mello Lopes,

Vice Presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS)

“O setor siderúrgico está comprometido com o desenvolvimento sustentável”



Foi lançada no dia 14 de outubro do ano passado, em São Paulo, a edição anual do Relatório de Sustentabilidade do Setor Siderúrgico Brasileiro, produzida pelo IBS – Instituto Brasileiro de Siderurgia. O presidente do IBS, Flávio Roberto Silva de Azevedo, também presidente da V&M do Brasil, destacou os investimentos que vêm sendo realizados pelas indústrias de aço brasileiras em práticas de gestão sustentáveis. “No ano passado, 94% dos co-produtos gerados pelo processo siderúrgico foram reaproveitados”, afirmou Azevedo.

Também foram destacadas as políticas de uso racional de recursos, principalmente no que se refere ao uso da água e da energia elétrica por parte da indústria siderúrgica, além da reciclabilidade do aço em 100%. A publicação traz informações a respeito das políticas e práticas de gestão e apresenta dados sobre os resultados de 2007 das empresas associadas ao Instituto, nas dimensões econômica, social e ambiental. Pelo segundo ano consecutivo, a estrutura e o conteúdo do documento foram definidos com base nas Diretrizes para Elaboração de Relatórios de Sustentabilidade do GRI – Global Reporting Initiative. Estas diretrizes consistem em princípios que definem o conteúdo do documento e dão a garantia dos indicadores de desempenho que devem integrar o conteúdo de Relatórios e Protocolos, orientando como estas informações devem ser apuradas e publicadas. O desenvolvimento do Relatório de Sustentabilidade 2008 foi coordenado pelo IBS e contou com a orientação e o apoio da Consultoria AMCE Negócios Sustentáveis, além da participação de um grande número de colaboradores das empresas associadas ao Instituto. O processo envolveu um importante trabalho de adequação de indicadores e alinhamento de critérios para apuração de dados e informações entre todas as Siderúrgicas.

A Revista Visão Social entrevistou Marco Pólo de Mello Lopes, vice-presidente executivo do IBS:

Visão Social - Quais são os principais destaques do Relatório 2008 do IBS, lançado em outubro?

Marco Pólo - Com o Relatório de Sustentabilidade 2008, o Instituto Brasileiro de Siderurgia busca continuar no processo de dar maior transparência e visibilidade às iniciativas do Setor Siderúrgico Brasileiro, bem como apresentar sua contribuição para o desenvolvimento nacional. É mais uma demonstração do comprometimento da Siderurgia Brasileira com os princípios do Desenvolvimento Sustentável e com a busca por aperfeiçoar continuamente a ecoeficiência de seus processos e produtos. O Relatório descreve as medidas que as empresas estão tomando para proteger o meio ambiente, assegurar saúde, segurança e bem-estar dos trabalhadores e da comunidade e manter seu comprometimento com a ética em termos de Governança Corporativa e relacionamento com clientes e fornecedores.

Visão Social - Como e quanto a Indústria do Aço está investindo em práticas sustentáveis?

Marco Pólo - No ano de 2007, o investimento das Siderúrgicas Brasileiras em projetos sociais totalizou R\$ 327 milhões. Outros R\$ 65,6 milhões foram investidos em treinamento e desenvolvimento profissional e mais R\$ 7,9 milhões na educação dos colaboradores. Nas iniciativas relacionadas ao meio ambiente, o investimento, em 2007, foi de R\$ 570 milhões. O Setor tem destinado recursos principalmente ao desenvolvimento de ações que visam beneficiar as comunidades próximas às usinas, como a coordenação de estudos consorciados para otimizar o uso da água e a redução de resíduos, entre outros.

Em relação às ações de proteção ambiental, o Setor se impôs o desafio de ir além do atendimento às exigências da Legislação, apoiando o desenvolvimento de tecnologias limpas e mudanças nas práticas operacionais, que permitem maior ecoeficiência nos processos. Mantém parcerias com Universidades, Institutos de Pesquisas e outros Segmentos Industriais, promovendo estudos e projetos que permitam racionalizar o consumo de matérias-primas e insumos, otimizar a eficiência energética e maximizar o aproveitamento de gases, água e co-produtos dos processos envolvidos na

produção do aço. Além disso, as empresas desenvolvem Programas de Educação Ambiental junto à comunidade e, principalmente, junto a escolas de divisas municipais circunvizinhas às usinas.

Visão Social - Em que estágio se encontra a Política de Uso Racional de Recursos, principalmente no que se refere à água e à energia elétrica, na Indústria Siderúrgica?

Marco Pólo - No ano passado, segundo dados do Relatório de Sustentabilidade do Setor, 94% da água usada nas Indústrias Produtoras de Aço do Brasil foram provenientes de recirculação. De toda a energia elétrica usada, 30% foram oriundas de geração própria. Além disso, 94% dos co-produtos foram reciclados para fins como confecção de cimento, pavimentação de vias e lastro de ferrovia, deixando de serem descartados no meio ambiente.

Visão Social - E o processo de reciclabilidade do aço, em que estágio se encontra?

Marco Pólo - O aço é 100% reciclável. Quando finda seu uso, ele é recolhido sob forma de sucata e é reutilizado. No ano passado, o Setor Siderúrgico Brasileiro consumiu 8.853 mil toneladas de sucata. Seu uso permite reduzir o consumo de matérias-primas não-renováveis, economizar energia e evitar a ocupação de espaço com o descarte de materiais obsoletos. Hoje, mais de 20% da produção de aço do País provém de usinas que operam fornos elétricos à base desta matéria-prima. E este percentual só não é maior porque países com baixo crescimento econômico e de consumo não geram sucata suficiente para manter toda a Siderurgia do País funcionando nesta rota tecnológica.

Visão Social - A crise financeira global pode prejudicar a implementação de ações de sustentabilidade das Indústrias de Aço Brasileiras?

Marco Pólo - A previsão do Setor é investir US\$ 58,7 bilhões em aumento de capacidade até 2013. Ainda é cedo para prever quais serão os impactos da crise global e como ela poderá afetar os investimentos previstos mas, certamente, os princípios da Responsabilidade Social continuarão a ser respeitados, qualquer

que seja a situação.

Visão Social - A Indústria Siderúrgica Nacional tem projetos para produzir aço com baixa emissão de Carbono, para se adequar ao Protocolo de Kioto, que se expira em 2012?

Marco Pólo - O Setor Siderúrgico Brasileiro desenvolve pesquisas para aumentar a eficiência energética dos processos de produção e a reciclagem de aço e seus co-produtos com vistas, entre outros benefícios ambientais, a reduzir as emissões de gases do efeito estufa. Tanto é que já apresentou vários projetos para obtenção de Crédito de Carbono, seguindo o processo de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL). Dados do Relatório de Sustentabilidade do Setor referentes a 2007 mostram que o índice de recirculação de água foi de 94% (mesmo percentual de co-produtos reciclados).

Resíduos do processo siderúrgico vão para a confecção de cimento e lastro de ferrovia, por exemplo. Além disso, o Setor produz cerca de 30% da energia elétrica que consome. A redução de emissão de CO2 é um desafio para o próprio processo de produção do aço, já que faz parte dele usar insumos com alto teor de Carbono, mas a Siderurgia Brasileira está comprometida em reduzir ao máximo sua participação na poluição atmosférica.

Visão Social - E as novas tecnologias para produção do aço reduzindo os impactos ambientais?

Marco Pólo - Desde o final da privatização, em 1993, até 2007, o Setor Siderúrgico investiu US\$ 21,5 bilhões. Não houve significativos aumentos de capacidade instalada - o montante foi destinado à modernização do parque instalado. Desde então, o Setor vem investindo não apenas em novas tecnologias e processos de gestão, mas também na educação e na qualificação dos profissionais e em projetos que auxiliem no desenvolvimento das comunidades locais. A Indústria do Aço no Brasil tem consciência de que, para reforçar suas posições, precisa, por um lado, preservar níveis de rentabilidade que dêem sustentação à sua expansão e, por outro, dar continuidade a seus programas de desenvolvimento nas áreas Ambiental e Social de forma a preservar padrões que, já no presente, constituem referência destacada no cenário global.

Carro elétrico



Com planos de lançar o carro elétrico MiEV no Japão em 2009, a Mitsubishi já começa a analisar as possibilidades de trazer esse modelo para o Brasil. Em sua primeira visita ao país, o presidente mundial da montadora, Osamu Masuko, disse que o MiEV seria lançado no mercado japonês em julho. No Brasil, há a possibilidade de que o MiEV entre nos planos da montadora já na elaboração do próximo plano quinquenal, no ano que vem.

Alerta global

Segundo dados do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), o fenômeno do aquecimento global tem enorme potencial para a produção de catástrofes naturais. Um aquecimento global de 0,6° C tem o poder de provocar o branqueamento de corais e perda de gelo na Antártida Ocidental. Com 0,7° C de aquecimento, ocorre o desaparecimento da geleira do Kilimanjaro. Com 1° C a mais, desaparecem as geleiras do Andes. Chegando a 1,6° C, o resultado é o derretimento das geleiras da Groenlândia.

Cidade sustentável

A empresa de energia árabe Masdar Initiative e arquitetos britânicos da Foster and Partners apresentaram em dezembro detalhes sobre a 1ª cidade sustentável do mundo. Chamada de Masdar ("a fonte" em árabe), a primeira cidade livre de emissões de carbono, terá fontes de energia renováveis e terá 99% de seu lixo reciclado ou transformado em composto, ou seja, sem desperdícios. A cidade será construída no deserto, nos arredores de Abu Dhabi e terá uma área de seis quilômetros quadrados, possuindo capacidade para abrigar 50 mil habitantes e 1,5 mil estabelecimentos comerciais. Como fonte de energia renovável, os idealizadores do projeto têm como plano a implementação da maior fonte de energia fotoelétrica do mundo, onde toda a energia solar captada será transformada em energia elétrica. Outra novidade será a total ausência de carros, predominando somente o transporte público na cidade.

Alternativos

A fabricante de papel Klabin, está realizando investimentos para fazer com que as caldeiras de sua fábrica em Monte Alegre (PR) se tornem "flexíveis" e funcionem com vários combustíveis alternativos. Entre 2006 e 2007, foram investidos R\$ 300 milhões em melhorias ambientais. Ao longo de 2009, serão outros R\$ 42 milhões, afirma Júlio Nogueira, gerente ambiental da Klabin. "Destes, R\$ 20 milhões serão empregados em equipamentos para utilizar o tall oil, um subproduto da fabricação de papel com alto poder calorífico, em combustível para as caldeiras e fornos", acrescentou.

Novas embalagens

Comerciantes e prestadores de serviços deveriam sensibilizar os consumidores sobre as vantagens e desvantagens do uso das embalagens, já que são os principais compradores de sacolas plásticas, propôs o presidente do Conselho de Estudos Ambientais da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio), José Goldemberg, durante debate sobre o tema na entidade. Na ocasião, a professora Maria Filomena de Andrade Rodrigues, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, apresentou estudo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) sobre as características técnicas das embalagens disponíveis hoje no mercado, como as oxibiodegradáveis, e aquelas, que ainda estão em fase experimental, de polímeros verdes, feitas com cana-de-açúcar.

Etanol limpo

O governo vai lançar estudo inédito sobre zoneamento agroeconômico no Brasil para demonstrar o baixo risco que a produção de álcool combustível (etanol) representa para a produção de alimento. O zoneamento excluirá a Amazônia e Mato Grosso das áreas agricultáveis por cana, bem como mostrará em detalhes que temos 65 milhões de hectares de terras agricultáveis e subutilizadas no país, todas fora das áreas de risco, e que seriam prova de que não há competição entre produção de cana e de alimentos.



Parques privados



O Parque Estadual dos Três Picos, em Nova Friburgo, e o Parque Estadual do Desengano, no Norte Fluminense, serão os próximos parques adotados pela iniciativa privada. Segundo o presidente do Instituto Estadual de Florestas (IEF), André Ilha, a iniciativa da mineradora Vale de adotar o Parque Estadual da Ilha Grande vai estimular outras empresas a adotarem áreas de preservação ambiental.

Nuvem gigante

Uma nuvem de três quilômetros de espessura formada por fuligem e outros poluentes está escurecendo grandes cidades da Ásia, matando milhares de pessoas e prejudicando a agricultura, mas ao mesmo tempo, protege a região dos piores efeitos do aquecimento global, informou a Organização das Nações Unidas (ONU). Uma das conseqüências da nuvem marrom tem sido mascarar a natureza real do aquecimento global. O volume de luz que chega à Terra através da nuvem caiu cerca de 25% nas áreas mais afetadas. Se o véu marrom se dispersar, as temperaturas globais podem subir até 2°C.

Aqüicultura

Estabelecer bases tecnológicas para o desenvolvimento sustentável da aqüicultura no Brasil. Este é o objetivo do projeto Aquabrazil, implementado pela equipe do Laboratório de Ecossistemas Aquáticos (LEA) da Embrapa Meio Ambiente (Jaguariúna, SP), em conjunto com outros laboratórios da empresa, parceiros e colaboradores. A iniciativa é dividida em cinco sub-projetos. O de manejo e gestão ambiental da aqüicultura é liderado pela Embrapa Meio Ambiente e visa gerar resultados que subsidiem com bases científicas e tecnológicas a elaboração de políticas públicas, estratégias de gestão e ações empresariais para as cadeias produtivas das espécies eleitas para o estudo.

VS. NEWS

Eficácia

O combate à violência doméstica pode ser eficaz. É o que mostra o projeto Lugar de Palavra, patrocinado pela Petrobras e coordenado pela ONG Núcleo de Atenção à Violência (NAV), em Nova Iguaçu (RJ). Em 78% dos casos atendidos, os autores de



agressões e seus familiares conseguiram mudar e reorganizar a vida e evoluir no convívio doméstico. O projeto Lugar da Palavra conta com uma equipe de dez psicólogos, um coordenador e um supervisor, que são responsáveis pelo acompanhamento das famílias, atuando no apoio psicoterapêutico aos autores de agressão e às suas vítimas no ambiente familiar.

Qualidade



Onze unidades do grupo Estácio, entre elas a Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, receberam o selo de "Instituição de Ensino Superior socialmente responsável" concedido pela Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES). A certificação tem como objetivo indicar e divulgar as instituições que estão comprometidas com a educação de forma socialmente responsável. O selo reforça o compromisso das instituições que compõem o grupo da Estácio em proporcionar acesso a um ensino de qualidade a diferentes segmentos da população, criando vínculos fortes com os alunos, viabilizando sua inserção no mercado de trabalho e contribuindo para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social das comunidades.

REFLEXÕES SOBRE O FUTURO DA RSE

Instituto Ethos realiza reunião anual com seus associados, analisando a conjuntura econômica, social e ambiental do país e do mundo.

Foi um ano singular”, disse Ricardo Young, presidente do Instituto Ethos, ao iniciar sua fala na reunião anual de associados do instituto, realizada em dezembro, em São Paulo. Ricardo justificou: em 2008, o Instituto Ethos comemorou seu décimo aniversário e acaba de aprovar uma proposta para aprimorar as ações para os próximos dez anos, levando em conta um cenário particular da economia mundial que ele entende como uma excelente oportunidade para repensar o movimento da responsabilidade social empresarial (RSE).

A reunião, que contou com cerca de 150 representantes de empresas associadas, foi marcada por reflexões em torno de três momentos do Instituto Ethos: seu passado recente, o momento atual e o futuro próximo. Na interpretação do momento atual, Ricardo Young fez uma análise da conjuntura econômica, social e ambiental no país e no mundo, enfocando as oportunidades que a atual crise econômica está trazendo para o movimento de RSE e o que se espera das empresas socialmente responsáveis nessas circunstâncias.

Queda de Wall Street

Ricardo Young relacionou as origens da crise econômica mundial a três fatores principais: deficiências de governança, falta de transparência e ausência de regulamentação. Como consequência, mais de 1 trilhão de dólares estão sendo despejados na economia, com grande prejuízo para os setores social e ambiental em todo o mundo. Young lembra que a Rodada de Doha fracassou por não ter disponível uma quantia infinitamente menor. Para ele, a crise atual mudou paradigmas e pode ser considerada a segunda queda do muro na História – a primeira foi a do Muro de Berlim e, desta vez, a de Wall Street. “Esta queda levou consigo as premissas neoliberais que defendiam a presença mínima do Estado na economia. Esse mesmo Estado é agora chamado para socorrer o mercado”, diz.

De acordo com Young, fica clara a necessidade de uma redefinição do

modelo a ser seguido, e a reformulação do papel do Estado na economia é o mais claro requisito para essa mudança. É fundamental haver espaço para regulamentações. Mas, em sua opinião, há outra mudança que cada dia mais vem sendo percebida como fundamental para o novo modelo: “O mundo começa a se encaminhar no sentido da descarbonização da economia e para a tardia precificação dos serviços da natureza”.

Para ele, o momento é passível de diversas formas de análise. “No entanto, aquela que aqui interessa, e que não pode ser desvinculada de qualquer reflexão, mostra que a crise dos ativos virtuais vai levar a uma corrida por ativos reais, que estejam dentro das fronteiras da economia descarbonizada”, diz Young. “A situação é crucial para os projetos que saibam se colocar no bonde da economia sustentável, que vai atrair o fluxo.”

Novo mercado

O presidente do Ethos entende que este é o momento de colher e de seguir plantando sustentabilidade: “O mundo já está discutindo um novo mercado, com novas formas de relacionamento. As empresas que têm experiência e cultura de RSE, como é o caso das associadas do Ethos, já estão avançadas nesse caminho”. Para ele, isso representa um valor competitivo também em momentos de crise, como um potencial do capital intangível, que deve ser comprometido com o enfrentamento da situação atual.

“Para enfrentar a situação de uma forma socialmente responsável, o que eu devo fazer?”, pergunta Young. Em seu ponto de vista,



há sempre uma forma socialmente responsável de responder às crises. Chega-se a ela a partir da reflexão e do diálogo favorecido pela solidez das relações propiciadas pela experiência de gestão responsável das empresas ligadas à RSE.

No debate que se seguiu à fala de Ricardo Young, Stephen Kanitz, articulista da revista *Veja* e membro do Conselho Consultivo do Instituto Ethos, deu sua opinião sobre a situação atual e defendeu a necessidade de se acalmar a grande quantidade de brasileiros que, alarmados pela imprensa, acreditam que serão demitidos no próximo ano. Kanitz propôs que se articulasse um plano nacional, com o governo, que permitisse benefícios às empresas que não demitissem funcionários durante um ano. Ele sugere um “pacto de não-demissão” que pudesse “convencer os brasileiros contaminados pela crise” a ter segurança de renda e não parar de consumir.

Andrea Marques, gerente de Responsabilidade Social da Medley, afirmou que “a crise está nos fazendo rever Keynes”, referindo-se à queda do neoliberalismo e à necessidade de regulamentação da economia. Para ela, em lugar de incentivar o consumo e o possível endividamento da população, o governo deveria alocar recursos para a geração de empregos em todo o território nacional.

Propostas

O Ethos, nesse sentido, atua na criação de grupos de trabalho para a produção de propostas. Seguindo o mesmo caminho, a Conferência Internacional do Ethos seria redefinida como um espaço de protagonismo das empresas, no qual elas organizariam e apresentariam workshops para obter propostas que depois seriam enviadas ao Fórum Nacional de Sustentabilidade.

No que concerne ao relacionamento com os associados, a proposta é que se estabeleçam critérios essenciais de RSE como requisitos para que a empresa se associe ao Ethos. A adoção desses critérios essenciais funcionaria como uma régua, distinguindo as empresas que de fato se envolvem com os princípios da RSE daquelas que não o fazem. Para verificar isso, seria indispensável a criação de um conselho de ética independente.

Com relação ao UniEthos, organização destinada pelo Ethos para assessoria, educação e desenvolvimento de práticas de sustentabilidade nas empresas, Paulo informa que a idéia é torná-lo uma unidade de negócios, com a perspectiva de, no futuro, financiar as atividades do Ethos.

Ricardo Young complementou a apresentação das perspectivas do Ethos para o futuro acentuando que, embora a organização seja apartidária, a nova proposta para seu funcionamento inclui uma questão política que deve mexer na sociedade, ao criar valores e reforçar a crença no poder de pressão da sociedade civil organizada.

Novos desafios

De acordo com o Vice Presidente Executivo, a nova tarefa central do Ethos será trabalhar no desenvolvimento desse mercado socialmente responsável. “Se os últimos dez anos foram focados nas empresas, os próximos dez serão voltados para as relações das empresas no mercado.” Paulo informa que o guia geral para esse trabalho será a Carta da Terra. “Esse documento é uma orientação para o conjunto das atividades humanas, e é importante que a atividade econômica seja orientada pelas mesmas premissas que as demais”.

O Ethos vai pensar também em novos indicadores, que se apliquem ao mercado socialmente responsável. “O objetivo vai além de uma economia verde e inclusiva, pois é preciso reduzir as desigualdades a partir de uma mudança de valores, que altere a ética da riqueza individual”, afirma Paulo.

O Ethos propõe a articulação de um Programa Nacional da Sustentabilidade (PNS), do qual participaria o governo, as empresas e a sociedade civil. “O intuito é dar materialidade à visão de desenvolvimento sustentável”, explica Paulo. Para discutir a agenda do PNS, seria criado o Fórum Nacional da Sustentabilidade, que, nos moldes do Fórum Social Mundial, funcionaria como um espaço para o diálogo e a elaboração de propostas para a responsabilidade social e funcionaria no sentido de “promover uma convergência entre as agendas das empresas, das organizações da sociedade civil e do governo”.

Ethos no futuro

Paulo Itacarambi, Vice Presidente Executivo do Instituto Ethos, apresentou o primeiro esboço do que será o Ethos nos próximos dez anos. Este é o início dos resultados de um levantamento ao qual ele vem se dedicando, com o propósito de refletir sobre o melhor posicionamento do instituto nos próximos anos. “O Ethos deve acompanhar as demandas do movimento de RSE de forma sempre dinâmica e baseada em sua missão”, diz.

Em sua fala, Paulo apresentou um cenário completo do momento atual, as limitações, tendências e desafios da RSE, deixando clara a necessidade de se trabalhar com uma sociedade socialmente responsável, que se comprometa com a resolução de questões como a redução do consumo e do investimento, por exemplo, e leve em conta a importância do diferencial competitivo dos produtos e serviços sustentáveis.

“Para influenciar na gestão da crise é preciso apontar o rumo”, afirma Paulo, refletindo sobre a importância de se discutir o que vai aparecer depois do fim do túnel. Os desafios, por sua vez, giram em torno da formulação e fortalecimento de um mercado socialmente responsável, que possa materializar os princípios da sustentabilidade em atributos visíveis, diz Paulo. “É preciso criar espaços de diálogo e negociações entre empresas, governos e a sociedade civil, criando uma articulação política entre estes setores que possa resultar na formulação de políticas públicas.”



De acordo com recente pesquisa da Revista Exame, a expectativa de desaceleração da economia global não provocou mudanças no posicionamento das empresas-modelo em responsabilidade social no Brasil. Para essas companhias, sustentabilidade não se resume a projetos isolados. Representa a forma como pensam e agem ou mesmo um jeito de fazer negócio. Por isso, apesar das preocupações com a crise financeira, nenhuma delas cogita o corte de investimentos em sustentabilidade.

Recentemente, a gerente da área de economias emergentes da consultoria SustainAbility, Jodie Thorpe, disse que o Brasil está mais avançado do que outros grandes países emergentes, como Índia e China, em ações ligadas ao desenvolvimento sustentável. Mas, a despeito dos esforços, os resultados concretos ainda são modestos. Ela também alertou que, de forma geral, ações pouco consistentes de sustentabilidade no mundo podem vir a ser afetadas pela crise econômica internacional. "O Brasil está na frente. Há alguns bons exemplos no País de ações que até se destacam globalmente. Algumas empresas fazem um excelente trabalho. Mas ainda se vê que a grande maioria das companhias discute esse assunto, faz relatórios, se interessa, cria departamentos, mas suas ações ainda não tiveram impacto efetivo", disse. Na avaliação do presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Fernando Almeida, as empresas já estão fazendo bastante, mas "todo esse investimento ainda não foi suficiente para mudar a tendência". Ele pondera que, na prática, o assunto está difundido apenas numa "certa elite" empresarial, de especialistas ou grupos ligados ao assunto. O próprio tema da sustentabilidade parece difícil de se explicar, porque envolve uma série de conhecimentos e áreas dentro das empresas. "É sinônimo de sobrevivência. É quando você consegue ter as três dimensões de um negócio, a econômica, social e ambiental, unidas e sem atropelo de uma pela outra. Hoje, a dimensão econômica atropela as demais", diz Almeida. Jodie comenta também que ações rotuladas como sustentáveis tendem a ser afetadas pela crise global. "Acredito que, com a alarmante crise econômica nos EUA e na Europa, veremos algumas coisas que são apresentadas como sustentabilidade caírem por terra. Mas as iniciativas que são realmente estratégicas irão sobreviver à crise."

A SUSTENTABILIDADE EM TEMPOS DE CRISE

A desaceleração da economia global deve criar dificuldades, mas o processo de Responsabilidade Social Empresarial é irreversível.

Mais espaços

Jodie argumenta que a nova concepção já ganha espaço em países emergentes. "Empresas foram capazes de assimilar tendências globais, desde a crescente escassez de água, petróleo e outros recursos naturais até as necessidades particulares de diferentes segmentos da população, e foram capazes de criar processos e produtos inovadores como resultado", diz ela. No Brasil, ela cita iniciativas do ABN Real, Natura e Amanco, dentre outras. O Real criou, por exemplo, um espaço para compartilhar experiências com parceiros e o público externo, uma espécie de fórum para a troca de conhecimentos sobre o assunto. A Amanco adaptou sistemas de irrigação para pequenos produtores rurais. No caso da Aracruz Celulose, um dos objetivos traçados no plano de sustentabilidade é conservar a biodiversidade nos 154 mil hectares de reservas nativas da empresa, assim como a ampliação dessas áreas. Além disso, a empresa definiu a "busca por uma solução estável e juridicamente segura para a disputa de terras com as comunidades indígenas do Espírito Santo", o que acabou sendo alcançado, segundo a empresa, com a assinatura de um acordo em dezembro de 2007.

Chegou a hora da verdade

Em artigo escrito em pleno furacão da crise econômica global, o jornalista Dal Marcondes, editor da revista eletrônica Envolverde, afirma que agora "é a hora de ver o que representa a sustentabilidade de fato no cenário do desenvolvimento dos países e do mundo. Na crise é que se vê que valores são necessários para manter a humanidade na trilha da vida cotidiana".

Lembra o editor que ao redor do mundo, a crise de inadimplência dos consumidores norte-americanos está fazendo vítimas em todas as línguas. "O mesmo mercado que está quebrando o sistema financeiro global é aquele que não quer pagar os prejuízos. No Brasil, onde o presidente Lula chega a um dos pontos mais altos de aprovação, a economia está apreensiva por conta de impactos no preço do dinheiro e na mudança de prioridades das empresas e investidores. O círculo virtuoso que a economia brasileira vinha desenvolvendo era, também, o responsável pelo crescimento dos investimentos e no interesse por modelos de gestão baseados na sustentabilidade".

"Como se não bastasse as más notí-

cias, prossegue Dal Marcondes, a Amazônia foi alvo de um verdadeiro saque de desmatamento. Três vezes mais do que em agosto de 2007 e o dobro do mês anterior. E pasmem, entre os principais desmatadores está o Incra – Instituto Nacional da Reforma Agrária, que é apontado pelo Ministério do Meio Ambiente entre os dez maiores incentivadores da retirada da floresta. Pará e Mato Grosso estão de novo na liderança do ranking dos ladrões de floresta".

O jornalista observa que a sustentabilidade é representada por um tripé, onde econômico, social e ambiental devem estar em harmonia. "No entanto, esta relação de equidade está em risco com a crise econômica. Na maior parte das empresas a sustentabilidade é apenas um bebê, um recém nascido esperando por nutrição e afeto. Muitas vezes a "área de sustentabilidade" sequer está vinculada ao coração da empresa, é um penduricalho na área de Recursos Humanos ou na Comunicação. Bom, agora é ver como o conceito que estabelece novos paradigmas de produção e consumo, qualidade de vida e gestão responsável vai sobreviver ao terremoto da crise financeira internacional".

É fácil achar o que você procura!

Consulte nossa lista ou acesse o site!



www.teleprint.com.br

TELEPRINT
Tecnologia em Negócios

Para anunciar: (22) 2731-6601

UM DECÁLOGO DOS DILEMAS AMBIENTAIS

Especialista em mudanças climáticas elabora lista dos dez principais problemas que o aquecimento global e outros desastres podem causar.

Martinho Santafé*

Um dos mais renomados especialistas brasileiros no fenômeno das mudanças climáticas, o pesquisador Enéas Salati elaborou um decálogo dos principais problemas ambientais a pedido do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), do qual foi consultor. Salati diz que o aumento de temperatura previsto para a Terra – de 0,6°C – parece pouco, mas é dramático e equivale à explosão de dez bombas de Hiroshima por segundo.

Ex-assessor do Banco Mundial e de seu braço financeiro, o International Financial Corporation (IFC), Salati atualmente é diretor técnico da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS) e membro do Fórum de Mudanças Climáticas. E defende que quando se trata de meio ambiente, metade da solução aparece quando se consegue definir em detalhes os problemas que se pretende enfrentar. Salati foi convidado para apresentar seu decálogo ambiental num encontro promovido pela Global Reporting Initiative (GRI), que define as regras para as empresas relatarem suas práticas e preocupações socioambientais.

Ineditismo

Numa atitude inédita no mundo, a GRI, com sede em Amsterdã, na Holanda, escolheu o Brasil como projeto piloto para elaborar uma série de protocolos específicos para que as organizações brasileiras possam relatar suas ações sociais e ambientais nos balanços e relatórios de final de ano de forma condizente com as realidades nacionais. A seguir, o decálogo dos dilemas ambientais, segundo Eneas Salati:



1

Crescimento Populacional

"Se tudo continuar como está, teremos um aumento populacional de 26% nos próximos trinta anos. Passaremos de 6,5 bilhões para 8,2 bilhões de pessoas no planeta. Certa vez discuti com minha mãe sobre o impacto do crescimento populacional na degradação ambiental. Mas sou o nono filho de uma família de dez crianças e se tivesse controle populacional, eu não existiria."

2

Aumento do consumo de energia

"Com o atual padrão de consumo, esperamos um aumento de 62% no consumo energético nos próximos trinta anos. Mais importante de tudo, se a China mantiver o mesmo padrão de consumo dos Estados Unidos, será necessário dobrar a produção de petróleo em vinte anos. Sobretudo, não há espaço para descartar todos os produtos que produzimos hoje."

3

Pobreza

"Eu escolhi a palavra miséria para tratar desse tema, mas o pessoal do BID e do Banco Mundial prefere a palavra pobreza. O que me interessa é traçar o paralelo entre miséria e pobreza e a degradação ambiental. Historicamente, a população mais pobre sempre ocupou áreas mais pobres em nutrientes, mais difíceis de se irrigar, menos férteis, mais passíveis de alagamento, desmoroamento, e com menos possibilidade de construção e de saneamento básico".

4

Aquecimento global

"Em 2007, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) confirmou, com 95% de certeza, que o atual aquecimento da Terra é provocado pelas atividades humanas. Há quem considere pouco o aumento de 0,6° C na temperatura média da Terra, mas é bom lembrar que isso representa uma explosão de dez bombas nucleares de Hiroshima por segundo no planeta. Nos mares, a situação é séria. Até 300 metros de profundidade, já começamos a notar um aquecimento de 0,5° C na temperatura da água dos oceanos. O mais crítico mesmo é o degelo da calota polar do Ártico, uma estrutura que existe há milênios e que em poucos anos derreteu em ritmo acelerado, diminuindo em espessura e em tamanho. As projeções para as próximas décadas são péssimas. Num relatório recente, o IPCC falava que a calota polar do Ártico devia desaparecer em 50 anos, hoje já se fala que em 15 anos ela pode deixar de existir. O que os modelos climáticos apontam é que o aumento da temperatura em todos os continentes foi bem além das oscilações naturais do planeta."

5

Destruição dos ecossistemas

"Estima-se que 11 milhões de hectares de florestas tropicais sejam desmatados anualmente no mundo, uma área equivalente ao território da Guatemala. As florestas tropicais prestam serviços ambientais e isso tem valor. No Brasil, existe uma excelente legislação ambiental. A implementação dessa legislação é que é deficiente e falha. O resultado é que perdemos espécies animais e vegetais num ritmo acelerado. Quando vivi na Amazônia, como diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) na década de 70, havia apenas 0,5% de desmatamento. Hoje o desmatamento está em 20% de corte raso, sem contar a extração de madeira de lei."

6

Matriz energética de transporte

"Hoje o petróleo representa 96% da matriz energética mundial para o transporte. O gás natural responde por 2,4%, a eletricidade por 1,2% e o carvão, 0,4%. Já no Brasil a matriz é diferente. O petróleo representa 83,9%, o gás natural, 3,8%, a eletricidade por 0,2% e as energias renováveis respondem por 12% da nossa matriz energética. Precisamos investir em energias renováveis."

7

Lixo

"A quantidade média produzida por um ser humano é de cinco quilos por semana. A produção diária de lixo no Brasil é de 240 mil toneladas. Na prática, 88% desse volume de lixo vai para os aterros sanitários ou lixões. O custo anual entre a coleta e o descarte é de R\$ 4,1 bilhões. Uma das tecnologias mais utilizadas na Europa é a da incineração. Ela é cara, sem dúvida, mas é extremamente eficiente."

8

Impacto sobre a biodiversidade

"Os impactos sobre a biodiversidade são de várias naturezas. Hoje há uma exploração excessiva dos recursos naturais e a introdução de espécies e doenças exóticas."

9

Recursos hídricos

"A questão da água tem várias implicações. Primeiro que há uma sobre-utilização dos recursos hídricos por parte da agricultura. O saneamento básico praticamente não existe, há legislação, existe obrigação, mas ninguém faz, nem o município, nem o Estado, nem o governo federal. É preciso tratar os resíduos industriais e resolver a escassez e o manejo dos recursos hídricos no semi-árido brasileiro. Não é falta de tecnologia o que temos, também não há falta de dinheiro. No caso do saneamento básico, falta vontade."

10

Mudança climática global

"O problema é muito mais sério do que parece. As mudanças climáticas não vão ocorrer hoje, nem amanhã, mas já começam a acontecer. O modelo hídrico para a Amazônia e o Nordeste brasileiro precisa de um viés diferente. Não apenas para a produção de eletricidade e de comida, mas para a produção de resultados socioambientais. Os atuais padrões de consumo são incompatíveis com a disponibilidade de recursos naturais. A velocidade de consumo está além da capacidade de reposição natural do planeta. É preciso fazer uma revisão e atualização das legislações referentes ao tema."

municípios

Educriando

Luiz Bispo



O Colégio Municipal Cláudio Moacyr de Azevedo, no Parque Aeroporto, e o Ciep Municipalizado 454 Nova Holanda, em **Macaé**, começarão a receber neste mês de março oficinas do programa Art Luz. A parceria faz parte do projeto Educriando, do programa “Minha Escola Querida”, que visa a recuperação estrutural e revitalização educacional das escolas da rede. Desenvolvido pela Subsecretaria de Educação na Saúde, Cultura, Esporte e Meio Ambiente, o Educriando conta com 150 oficinairos e monitores que atuam nas áreas de saúde, cultura, esporte e meio ambiente em 45 escolas de tempo integral, além de desenvolver projetos nessas áreas para as 113 unidades de ensino da rede.

Machadinha

A história e cultura dos negros da região estão no Espaço Memorial de Machadinha, inaugurado em fevereiro no Complexo Histórico Cultural Fazenda Machadinha. Além da inauguração, a Fundação Municipal de Cultura e Lazer lançou o livro “Machadinha: origem, influência e história”, que reúne textos de autores especialistas no assunto e compara **Quissamã** à cidade de Kissama, no continente africano. Construído no antigo salão comunitário de Machadinha, o espaço abriga fotografias e obras de artes. O local tem espaço multimídia, onde estão acessíveis depoimentos de moradores da comunidade quilombola de Machadinha e materiais relacionados a cidade de Kissama, de onde vieram os negros para a região, dando origem ao nome da cidade de Quissamã.

Orgânicos

Com o objetivo principal de incrementar a produção de alimentos orgânicos, produtores da agricultura familiar das micro-bacias do Rio D`Antas e de Serra da Cruz, em **Macaé**, são alcançados pelo Programa Rio Rural/GEF com recursos financeiros do Banco Mundial e a construção de estufas e viveiros de mudas de espécies nativas de mata atlântica e cursos afins. Serão liberados R\$ 600 mil para projetos em 2009. O secretário de Desenvolvimento Econômico de Macaé, Cliton Silva Santos, lembra que o programa beneficia, diretamente, o produtor da agricultura familiar e, indiretamente, toda a população, levando-se em conta o que a agricultura orgânica representa para a saúde do ser humano, além da diminuição de gastos com a saúde pública pelo município, à medida que aumentar o consumo desses produtos.

Economia Popular

Check



O pontapé inicial para que seja criado em **Campos dos Goytacazes** o Centro de Economia Popular e Solidária foi dado no dia 11 de março, durante o I Encontro de Economia Popular e Solidária, que reuniu grupos de vários segmentos que frequentam o Centro de Referência da Assistência Social (Cras). O evento foi uma parceria entre a Secretaria de Família e Assistência Social e a Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf). Entre os grupos que participaram estavam 18 bordadeiras do Cras da Codin, que já estão exportando material para outros países.

Referência

A Embrapa indicou o Programa de Incentivo ao Plantio de feijão de **Rio das Ostras** como referência de apoio à agricultura familiar, com respeito ao meio ambiente. A iniciativa do município ganhou espaço no programa de televisão Globo Ecologia, que deve ir ao ar em abril. "O incentivo do município de Rio das Ostras à produção agrícola familiar é um exemplo para o Brasil", declarou o chefe geral da Embrapa – Arroz e Feijão, Pedro Arraes, durante as gravações do programa Globo Ecologia, na localidade de Cantagalo, em Rio das Ostras. Segundo Pedro Arraes, o programa de incentivo ao plantio de feijão de Rio das Ostras é pioneiro no País e se baseia no que ele chama de "subsídio do bem".

Parceria

A secretária de Educação de **Campos dos Goytacazes**, Auxiliadora Freitas assinou uma minuta de parceria com a UERJ, para que os professores da rede participem do curso gratuito fornecido pela universidade, em parceria com o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o Instituto de Medicina Social. Segundo a coordenadora de Diversidade e Pluralidade Cultural na Escola, Ana Beatriz Ferreira, o curso será destinado a todos os professores da rede pública de ensino. "Serão abordados temas que relatam situações do dia-a-dia, como por exemplo, gênero, sexualidade, gravidez na adolescência, participação juvenil e relações étnico-sociais. Os professores saberão lidar melhor com estas situações, já que estes temas fazem parte de sua rotina", relata.

Mais grãos

A Prefeitura de **Campos** vai criar a Central de Produção de Grãos para Sementes para beneficiar pequenos e médios produtores interessados na diversificação de culturas e, inclusive, no plantio consorciado. A iniciativa faz parte da meta da prefeita Rosinha Garotinho em fomentar a produção de grãos para aumentar a quantidade de alimentos no município. Será firmada uma parceria entre a secretaria municipal de Agricultura, a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-RJ) e Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). A Central de Produção de Grãos para Sementes será implantada em parte dos 116 hectares da Fazenda Angra, onde um percentual das terras é utilizado no desenvolvimento de variedades de cana-de-açúcar e oleaginosas.

Poesias

Duas poesias de **Casimiro de Abreu** devem compor a trilha sonora do longa-metragem nacional, *Jê*, previsto para ser lançado nos cinemas a partir do segundo semestre deste ano. Além disso, a serra casimirensense, mais especificamente o rio Macaé, será cenário para gravação de uma cena do filme, visto que o tema ecoturismo faz parte do enredo. Isto está sendo possível porque o músico Joel Bezerra, morador do município e professor da Escola de Música Elizeu Tinoco Miranda, foi escolhido para fazer a trilha sonora do longa, o primeiro do fotógrafo, produtor e roteirista, Everton Matte. Joel Bezerra tem 31 anos, é músico formado pela UniRio e dá aulas de teclado, piano, teoria e harmonia, desde 2006, na Escola de Música Elizeu Tinoco Miranda, administrada pela Fundação Cultural Casimiro de Abreu.

Inauguração



Divulgação

O Campus **Cabo Frio** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), inaugurado dia 5 de março, com a presença do Presidente Lula, contou com grande participação da Prefeitura Municipal de Cabo Frio no que se refere à instalação da escola técnica. Dentre outras contribuições, a Prefeitura foi a responsável pela doação do terreno que possui uma área de 70 mil m² já com a estrutura de um prédio, reformado para a inauguração da nova instalação, além dos laboratórios de informática e ciências. A instituição conta com cursos técnicos de nível médio em eletroeletrônica, guia de turismo, hospedagem e petróleo e gás. A unidade também oferece vagas no curso de licenciatura em física, e atualmente, com cerca de 200 alunos, a expectativa para até o final de 2009, são de 700 estudantes no campus de Cabo Frio.

Sofrendo toda sorte de degradação nos últimos 30 anos, quando teve mais de 1/3 de seu espelho d'água invadido, a Lagoa de Imboassica ainda é responsabilizada pelas enchentes em vários bairros de Macaé e sua barra está sendo criminosamente aberta com preocupante frequência.

Martinho Santafé

A excelente obra fotográfica lançada no final de 2008 por Rômulo Campos e Cláudia Barreto, comemorativa dos 35 anos de Gráfica Silva Santos, colocou novamente em pauta a Lagoa de Imboassica, um dos mais pesquisados e maltratados ecossistemas urbanos do país. Nos últimos meses, tornou-se um fato corriqueiro – embora seja crime ambiental dos mais graves – homens enfurecidos, portando enxadas e pás, abrindo a barra da lagoa para escoar as águas das chuvas que inundam ruas e casas.

Como sempre acontece, a lagoa tem sido responsabilizada pelas cheias e quem paga é a (ainda) rica fauna e flora, transformando a lagoa, aos poucos, em uma imensa poça de lama. Mas, no fundo, todos sabem que as águas não têm mais para onde escoar porque 80% da área de expansão da lagoa foi aterrada e o seu leito vem sendo assoreado em um ritmo assustador.

O diretor do Núcleo de Pesquisas Ambientais de Macaé (Nupem-UFRJ), professor Francisco Esteves, uma das vozes mais críticas em relação ao atual estado de Imboassica, alerta: “Abrir a barra da lagoa acelera muito a sua morte, porque aumenta a quantidade de argila, reduzindo sua profundidade. Com isso, se ela levaria 50 anos para receber um centímetro de aterro em condições normais, com cada abertura ela perde de 10 a 20 centímetros de lâmina d'água”.

A prova disso, prossegue Esteves, “é que

o taboal invade a lagoa de três a quatro metros a cada abertura. Da maneira que vai, em poucos anos Imboassica será um grande brejo”.

Início do fim

No início dos anos 1970, o entorno da Lagoa de Imboassica refletia o bucolismo de uma cidade carinhosamente apelidada de “Princesinha do Atlântico”. Apenas uma cabana de pescador manchava suas margens cobertas pela vegetação de restinga, onde pitangueiras e bromélias dominavam a paisagem. Como o pólo de lazer dos macaenses situava-se na Praia de Imbetiba, apenas os mais afoitos – incluindo pescadores e surfistas – arriscavam uma ida ao local, cuja via de acesso era mais apropriada para jipes ou motocicletas.

Com a notícia da descoberta de petróleo na Bacia de Campos e a possibilidade de a Petrobras se instalar na cidade, a especulação imobiliária cresceu os olhos em direção às margens da lagoa, fazendo surgir loteamentos que, se fossem feitos hoje, seus executores certamente estariam na cadeia.

- A Lagoa de Imboassica, há cerca de cinco décadas, era muito maior que é hoje. Todas as lagoas das regiões tropicais têm suas bacias que se espalham entre os meses de novembro e março. Quando isso ocorre, ela procura o seu leito normal, só que hoje ela encontra a rodovia, ruas, casas, loteamentos,

empreendimentos dos mais variados. Como ela é o local mais baixo da paisagem, toda a água dos bairros do entorno escoar em sua direção, explica o professor Francisco Esteves.

As enchentes

De acordo com o diretor do Nupem/UFRJ, por causa do estrangulamento da área de expansão da lagoa, os canais que atravessam os bairros, muitos dos quais abertos para drenar as águas pluviais (e, infelizmente, os esgotos domésticos e industriais), são inundados quando a lagoa enche, atingindo as residências, fato agravado pelo assoreamento do seu leito. Por isso, Francisco Esteves acha inaceitável quaisquer tipos de empreendimentos que visem a redução do espelho d'água de Imboassica, inclusive a duplicação da Rodovia RJ-106. “Temos que desassorear a lagoa, fazer uma dragagem seletiva após a abertura da barra, com a entrada imediata de dragas. Mas para que isso aconteça, é preciso haver integração entre o governo estadual e as diferentes secretarias de Macaé e Rio das Ostras”.

A dragagem, segundo o professor, resolveria em parte o problema, porque a lagoa passaria a acumular volume bem maior de água. Mas outra ameaça está bem próxima: “Hoje, no condomínio Alphaville, metade do barro está indo para a lagoa, através do canal extravasor, acelerando ainda mais a morte da lagoa. E o esgoto desse



A agonia de uma lagoa

empreendimento, para onde irá?”, pergunta. Existe, afinal, uma solução definitiva? Para Francisco Esteves, existe e não é complicada. “Tenho certeza que se o canal extravasor for desassoreado no período anterior às chuvas, dificilmente a barra será aberta”. Concluindo, o diretor do Nupem/UFRJ ressalta que a sociedade tem que parar de esperar que os governantes tomem atitudes para salvar nossos diferentes biomas: “Não podemos nos furtar dessa responsabilidade, pois temos o compromisso acadêmico para a sustentabilidade das futuras gerações”.

Quanto à despoluição da lagoa, a prefeitura de Macaé já elaborou um projeto para construção de uma estação de tratamento de esgoto no Mirante da Lagoa. Só falta sair do papel. O problema é que até então, a pressão urbana sobre a lagoa existia apenas do lado de Macaé; agora, loteamentos estão sendo construídos próximos a ela, em território de Rio das Ostras.

Na alma do povo macaense

O jornalista e fotógrafo Rômulo Campos, co-autor da obra “Lagoa de Imboassica”, com a esposa e também fotógrafa Cláudia Barreto, lembra que a luta em defesa do ecossistema da lagoa começou na década de 1970 e se intensificou nos anos 80, quando o ambientalista Vicente Klonowski se jogou diante de um trator para impedir o aterro de suas margens.

Também ressalta as ações da Associação Macaense de Defesa Ambiental (AMDA), que, segundo ele, “teve um papel preponderante para a preservação deste e de outros patrimônios ambientais de Macaé, inclusive a área de proteção ambiental do Arquipélago de Sant’Anna, onde a Petrobras pretendia instalar um conjunto de monobóias.

- A Lagoa de Imboassica está intrinsecamente ligada à alma do povo macaense. O por do sol em suas margens é um espetáculo único. Nosso livro pretende ter uma finalidade didática, com suas belas paisagens, mas também com imagens dos variados problemas, além de textos de autores convidados.

Cláudia Barreto, por sua vez, dá um depoimento revelador e, por que não, otimista: “Sempre ouvi dizer que a lagoa está morrendo, mas o nosso olhar descobriu que Imboassica e o seu entorno ainda possuem uma rica flora e fauna. E esse olhar só foi possível graças à parceria com a Gráfica Silva Santos”.

Canal será redimensionado

O canal extravasor da Lagoa de Imboassica vai ser redimensionado para melhorar o fluxo de água, ajudando a melhorar a qualidade do ecossistema. A informação é do presidente do Instituto Estadual do Ambiente (Inea), Luiz Firmino Martins Pereira, que veio a Macaé conhecer de

perto a atual condição do canal. Segundo ele, o local necessita de uma obra complementar para a regularização do seu nível d’água.

Durante a vistoria, ele foi acompanhado pelo secretário de Meio Ambiente e Urbanismo, Maxwell Vaz, e dos secretários George Jardim, de Serviços Urbanos, Tadeu Campos, de Obras, dos subsecretários Fernando Amorim, de Governo, Henrique Emery, de Meio Ambiente, do Gerente da Câmara Permanente de Gestão, Rômulo Campos e dos técnicos Hermeto Didonet e Guilherme Sandemberg, entre outros. O presidente do Inea, órgão que tem a missão de proteger, conservar e recuperar o meio ambiente para promover o desenvolvimento sustentável, endossou o apoio técnico e financeiro do Instituto para o município de Macaé. - Vamos rever todo o sistema de extravasão da Lagoa de Imboassica, que precisa de um dimensionamento adequado para rever o nível máximo e o mínimo que ela pode aceitar e, implantar o vertedouro, sistema que dispensa o remanejamento da areia através de máquinas para fechar ou abrir o canal extravasor, garantiu. Mostrando-se preocupado com a questão ambiental local, Luiz Firmino alertou para o prejuízo ecológico que é a abertura da barra da Lagoa. “Ao se abrir a barra para o escoamento das águas, se perde o controle de estabilização, causando um desastre ecológico. Ainda bem que o ecossistema não depende dessa abertura”, disse.

UM PACTO PARA RECUPERAR A MATA ATLÂNTICA



Dezenas de organizações ambientalistas, universidades, empresas e governos assinaram dia 7 de abril o Pacto pela Restauração da Mata Atlântica, esforço que tem o objetivo de incentivar o uso econômico de áreas degradadas da floresta para tentar recuperar 15 milhões de hectares de sua vegetação até 2050.

Hoje, restam apenas 7,26% da mata no país. Com a restauração pretendida, essa parcela saltaria para aproximadamente 30%. “Nosso pensamento é todo baseado no econômico. Só assim nós vamos engajar milhares de produtores. Nós estamos trabalhando na lógica de serviços ambientais, água e carbono. Hoje está claro que existe um grande potencial de alavancar recursos de empresas que têm interesse de negócio na água, por exemplo”, defendeu o coordenador-geral do Conselho de Coordenação do Pacto pela Restauração da Mata Atlântica, Miguel Calmon.

Uma das intenções dos signatários do pacto é incentivar os proprietários de áreas degradadas da Mata Atlântica, e sem potencial econômico, a executar projetos de recuperação da vegetação que poderiam trazer retorno econômico.

“Foi a economia que destruiu e será a economia que fará restaurar. Os grandes protagonistas desse pacto são os proprietários rurais. 90% das propriedades da Mata Atlântica pertencem aos proprietários rurais. A gente precisa convencê-los a fazer a restauração. Atingir milhares e milhares de proprietários de forma efetiva para engajá-los na restauração é o desafio que nós temos do pacto”, ressaltou Calmon.

Durante dois anos, especialistas de algumas das principais organizações que atuam no bioma da Mata Atlântica fizeram um mapeamento que identificou a localização dos mais de 15 milhões de hectares de áreas degradadas potenciais para recuperação. A meta, no entanto, esbarra em fatores econômico-financeiros. Em valores atuais, a restauração de toda essa área custaria US\$ 15 bilhões.

“Nós temos que criar a economia florestal da Mata Atlântica. Vamos ter de alavancar, mobilizar e captar recursos. Você tendo uma iniciativa que mostre resultado, com certeza você atrai o dinheiro. E não é dinheiro de doações, é investimento”, disse Calmon.

O pacto foi assinado por organizações não-governamentais como SOS Mata Atlântica, Care Brasil, Associação Mico Leão Dourado, TNH (The Nature Conservancy), WWF-Brasil; pelo governo federal, tendo como representante o Ministério do Meio Ambiente; pelos governos estaduais do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Espírito Santo; pela academia, com a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); e por empresas como a mineradora Vale.

Fonte: Agência Brasil

Anti-corrupção

Agência Brasil



Ministro
Jorge Hage

O combate à corrupção no Brasil avançou nos últimos anos, mas o ministro Jorge Hage, da Controladoria Geral da União (CGU), abriu uma ofensiva para erradicar outros três cancos que estão no DNA da rapinagem aos cofres públicos: a regulamentação do lobby nos três poderes, a quarentena de um ano - extensiva a ministros e mais de dois mil servidores que fazem interface com a área privada - e o enterro definitivo da figura do "anfíbio", o servidor que usa o período de licença não remunerada para ganhar fortunas vendendo facilidades às empresas em débito com o Fisco. "O lobista vai usar crachá pregado no peito", avisa o ministro.

Bioetanol social

Gerar energia sem prejudicar o meio ambiente e promovendo inclusão social está se provando possível no Brasil, graças à utilização de mini-usinas de etanol, produzido a partir de cana, batata-doce, mandioca ou sorgo sacarino. Essas mini-usinas permitem produzir de 500 a 5.000 litros de etanol por dia e chamaram a atenção da Embrapa Agroenergia para um projeto de sustentabilidade energética em 200 hectares, no município de São Vicente do Sul (RS). Ali, a produção envolverá famílias agrícolas no plantio de sorgo sacarino, com um ciclo de aproveitamento total de todo material orgânico gerado. Os grãos do sorgo servirão para produção de leite e de farinha para consumo humano; o caldo do sorgo, para a produção de etanol; e o bagaço, para ração animal.

Mercado "verde"

A Royal Philips Electronics confirmou que está preparada para atingir as metas estabelecidas no EcoVision4, a ambiciosa agenda de Sustentabilidade que a Philips lançou em 2007, com foco na melhora da eficiência energética de seus produtos e operações. A companhia relatou que as vendas de seus produtos "verdes" aumentaram para cerca de 25% das vendas totais em 2008, comparados a 20% em 2007. A meta da Philips é derivar 30% das vendas totais de produtos "verdes" até 2012, conforme publicado no programa Ecovision4. A empresa também introduziu 91 novos itens no mercado em 2008, 72% a mais que no ano anterior.



Diesel limpo

A primeira fase do acordo judicial firmado entre o Ministério Público Federal (MPF), empresas e órgãos federais para redução do nível de enxofre do diesel vendido no país está sendo cumprida. De acordo com os sindicatos de empresas de transporte coletivo de São Paulo e Rio de Janeiro, os ônibus que circulam nas duas cidades já estão sendo abastecidos com um combustível menos poluente e com quantidade de enxofre 90% menor do que o utilizado até o final de 2008. Desde 1º de janeiro, os coletivos não podem mais rodar com o combustível tipo S500 - com 500 partes de enxofre por milhão de partes (ppm) de diesel. Só podem usar o diesel S50 - com 50 ppm de enxofre.

Pesquisa

Pesquisa realizada pelo Grupo Havas Digital em nove países revela que oito em cada dez consumidores preferem adquirir produtos de empresas que tentam diminuir seu impacto ambiental. O estudo foi feito nos EUA, Inglaterra, Espanha, Brasil, Alemanha, China, Índia, França e México. "Dos nove países pesquisados, o povo brasileiro se declarou o mais preocupado com as mudanças ambientais e o mais engajado", afirma o diretor-geral da Media Contacts - agência digital do Havas -, André Zimmermann.

Advertências



Secretário-Executivo
da Onu, Sr. Yvo de Boer.

Líderes políticos e cientistas fizeram várias advertências durante a conferência da ONU sobre o clima, na Polônia. Segundo os especialistas, a crise financeira irá passar, mas o aquecimento global será permanente a menos que as nações façam esforço coletivo para reduzir emissões de gases responsáveis pelas mudanças climáticas. Yvo de Boer, secretário-executivo da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, alertou que está acabando o prazo para alcançar um novo tratado que substitua o Protocolo de Kyoto, que expira em 2012.

O Chamado das Árvores

Carlos Solano*

A sua vida depende das árvores. Não só a sua... “As árvores são a pele da Terra”, diz Dorothy Maclean, escritora canadense, autora do livro “O Chamado das Árvores”, lançado em setembro de 2008 pela Irdin Editora (www.irdin.org.br). “Todo organismo que perde uma grande parte da pele tende a perecer. O mesmo pode acontecer ao planeta se as árvores continuarem a ser cortadas”, alertou Dorothy durante o evento promovido pela Campanha “Vamos plantar 1.000.000 de árvores” (www.ummilhaodearvores.org.br) em quatro capitais do Brasil.

Talvez a mensagem mais importante do livro seja a de que não basta reflorestar a Terra, mas que devemos também preservar as árvores maduras. “Sem elas, o planeta ressecará e perecerá”. Dorothy, 88 anos, foi co-fundadora, em 1962, de Findhorn, uma comunidade ecológica pioneira, no norte da Escócia. Ali, lançou as bases de um trabalho que integra humanidade e natureza, e que alcançou pessoas do mundo inteiro. O livro “O Chamado das Árvores” é a coroação desse processo e apresenta as árvores sob uma perspectiva incomum. Há mais de 40 anos Dorothy faz exercícios diários de meditação em busca de respostas para a vida. Nesse caminho, sua conexão com as árvores se fortaleceu, e, no livro, ela registra as lições que recebeu da Inteligência da natureza, segundo a qual, “não há futuro sem o retorno das florestas”.

A sua parte

O que pouca gente se lembra é que pequenas ações positivas se tornam muito grandes quando realizadas por milhares de pessoas. Por isso, faça a sua parte: plante e preserve as árvores. Algumas se desenvolvem bem até em vasos, dentro de apartamentos. Você plantou? Vá ao site www.ummilhaodearvores.org.br, que traz boas idéias, e marque a quantidade. As árvores podem frear o perigoso aquecimento global, que ameaça a continuidade da vida. Algumas absorvem até uma tonelada de CO₂, o gás que, produzido por veículos e indústrias, é um dos vilões do desequilíbrio climático. Nas cidades, as árvores reduzem a poluição e o calor. No campo, freiam as enxurradas e as enchentes. Colabore com elas: economize papel, preferindo o reciclado. Papel é árvore. Reduza ou elimine o uso de carne e laticínios, pois a causa maior do desmatamento é a criação de pastagens para o gado. Além disso, grande parte dos gases causadores do aquecimento global é produzida pelo sistema digestivo do gado.

Como diz o provérbio chinês, “A melhor época para se plantar (ou preservar) uma árvore era há 20 anos atrás. A próxima ocasião ideal é agora”.

*Arquiteto, coordenador da campanha “Vamos plantar um milhão de árvores”



QUISSAMÃ

EM BUSCA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.



INVESTIMENTO EM
INFRA-ESTRUTURA
URBANA



VALORIZAÇÃO DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO
CULTURAL



BOLSA
E TRANSPORTE
UNIVERSITÁRIOS



EDUCAÇÃO BÁSICA
DE QUALIDADE



PSF: 100% DE
COBERTURA



INTERNET
CIDADA



www.quissama.rj.gov.br

II FEIRA DE 
RESPONSABILIDADE SOCIAL
EMPRESARIAL
BACIA DE CAMPOS

Dias **19, 20 e 21** de maio
das **14h às 21h**
no **MACAÉ CENTRO**



CONSTRUINDO 
CIDADES
SUSTENTÁVEIS

**Entrada
Franca**

Venha participar deste evento que irá discutir os grandes temas da atualidade: responsabilidade social e sustentabilidade, mudanças climáticas e suas conseqüências na nossa região, consumo consciente, violência urbana, cidadania e turismo sustentável.

Estarão participando Empresas, ONGs, Associações, Universidades e Prefeituras.

A II Feira de RSE Bacia de Campos também terá, **gratuitamente**, Fórum de Debates e Oficinas sobre Sustentabilidade e RSE, Rodada de Negócios Sustentáveis e Apresentações Artísticas.

Mais Informações e Reserva de Estandes:

[22] 2772.2202 | 2772.2569 - www.feirarsebaciadecampos.com.br

REVISTA
Visão Social
REALIZAÇÃO: www.dnsmcc.org.br
Responsabilidade Social & Meio Ambiente

PATROCÍNIO:
 **UENF**
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

 Sistema
FIRJAN

 **SESI-RJ
SENAI-RJ**

 **PREFEITURA
MACAÉ**
TRABALHANDO
PARA TODOS

PROMOÇÃO:
 **INTEER**

APOIO:
 **JEVIN**



 Instituto
CRESCER
para a cidadania

 **AMIL
ARTES**
MACAÉ







 **dinamica da terra**
CONEXÃO TERRA E PESSOA

 **ACIM**
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE MACAÉ